

ARTICULAÇÃO

ITINERÁRIOS

NATUREZA



É um paradoxo cruel que o Brasil seja um dos maiores produtores de alimento do mundo enquanto mais de dez milhões de brasileiros não tenham acesso adequado a alimentos, tendo saúde e dignidade comprometidas, quando não a própria vida.

V

Fome no Brasil: em 5 anos, cresce em 3 milhões o nº de pessoas em situação de insegurança alimentar grave, diz IBGE

Cerca de 10,3 milhões de brasileiros vivem em lares nessa situação. Percentual de domicílios com alimentação satisfatória atinge patamar mínimo em 15 anos.

Por Daniel Silveira, G1

Depois de recuar em mais da metade em uma década, a fome voltou a se alastrar pelo Brasil. **Em cinco anos, aumentou em cerca de 3 milhões o número de pessoas sem acesso regular à alimentação básica**, chegando a, pelo menos, cerca de **10,3 milhões o contingente nesta situação**. É o que apontam os dados divulgados nesta quinta-feira (17) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O levantamento foi feito entre junho de 2017 e julho de 2018 e apontou piora na alimentação das famílias brasileiras. Entram na conta somente os moradores em domicílios permanentes, ou seja, estão excluídas do levantamento as pessoas em situação de rua, o que poderia aumentar ainda mais o rastro da fome pelo país.

[...]

Classificado pelo IBGE como segurança alimentar, **o acesso pleno e regular aos alimentos de qualidade – em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais – atingiu o menor patamar em 15 anos**.

[...]

“Ao olhar para a série histórica, a gente observa que houve diminuição da segurança alimentar e o conseqüente aumento dos índices de insegurança alimentar entre a população brasileira”, enfatizou o gerente da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do IBGE, André Luiz Martins Costa.

[...]

A maior cobertura da segurança alimentar foi registrada em 2013, quando chegou a 77,4% o total de domicílios em que a alimentação podia ser considerada como plena e regular.

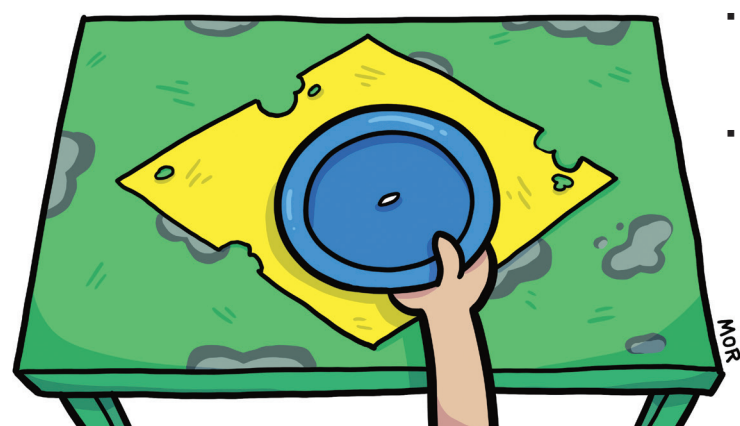
Na comparação com 2013, o número de domicílios com segurança alimentar teve queda de 13,7%. Em contrapartida, aumentou em 71,5% o número de domicílios com insegurança alimentar.

O IBGE classifica a insegurança alimentar em três níveis – leve, moderada e grave – da seguinte maneira:

- **Insegurança alimentar leve:** há preocupação ou incerteza quanto acesso aos alimentos no futuro, além de queda na qualidade adequada dos alimentos resultante de estratégias que visam não comprometer a quantidade de alimentação consumida.

- **Insegurança alimentar moderada:** há redução quantitativa no consumo de alimentos entre os adultos e/ou ruptura nos padrões de alimentação.

- **Insegurança alimentar grave:** há redução quantitativa de alimentos também entre as crianças, ou seja, ruptura nos padrões de alimentação resultante da falta de alimentos entre todos os moradores do domicílio. Nessa situação, a fome passa a ser uma experiência vivida no lar.



Foi a insegurança alimentar moderada a que mais cresceu percentualmente entre os domicílios brasileiros entre 2013 e 2018 – uma alta de 87,53%. A insegurança alimentar leve teve alta de 71,5% no mesmo período, enquanto a grave, que caracteriza a fome, aumentou em 48,8%.

[...]

De acordo com o IBGE, dos cerca de 10,3 milhões de famintos no país, 7,7 milhões viviam em perímetro urbano, enquanto 2,6 milhões, em regiões rurais. Todavia, proporcionalmente, estes números representavam, respectivamente, 23,3% do total da população que vivia em área urbana e 40,1% da população rural.

[...]

Dos cerca de 10,3 milhões de brasileiros que passaram fome em 2018, 4,3 milhões viviam na Região Nordeste, o que corresponde a 41,5% do total de famintos no país. Em seguida, aparece a Região Sudeste, com 2,5 milhões de habitantes com fome, e o Norte, com pouco mais de 2 milhões de pessoas nesta situação.

[...]

O IBGE destacou que no Norte e Nordeste menos da metade dos domicílios (43% e 49,7%, respectivamente) tiveram acesso pleno e regular à alimentação adequada. No Sul, esse percentual chegou a 79,3%. Sudeste e Centro-Oeste aparecem na sequência, com 68,8% e 64,8%, respectivamente, dos domicílios com segurança alimentar.

[...]

Ao analisar a situação alimentar por faixa etária, o IBGE identificou que metade das crianças com até 4 anos de idade vivia em domicílios com algum tipo de insegurança alimentar – 34,2% delas em lares com insegurança alimentar leve, 10,6% com insegurança alimentar moderada, e outros 5,1% com insegurança alimentar grave, que caracteriza a fome.

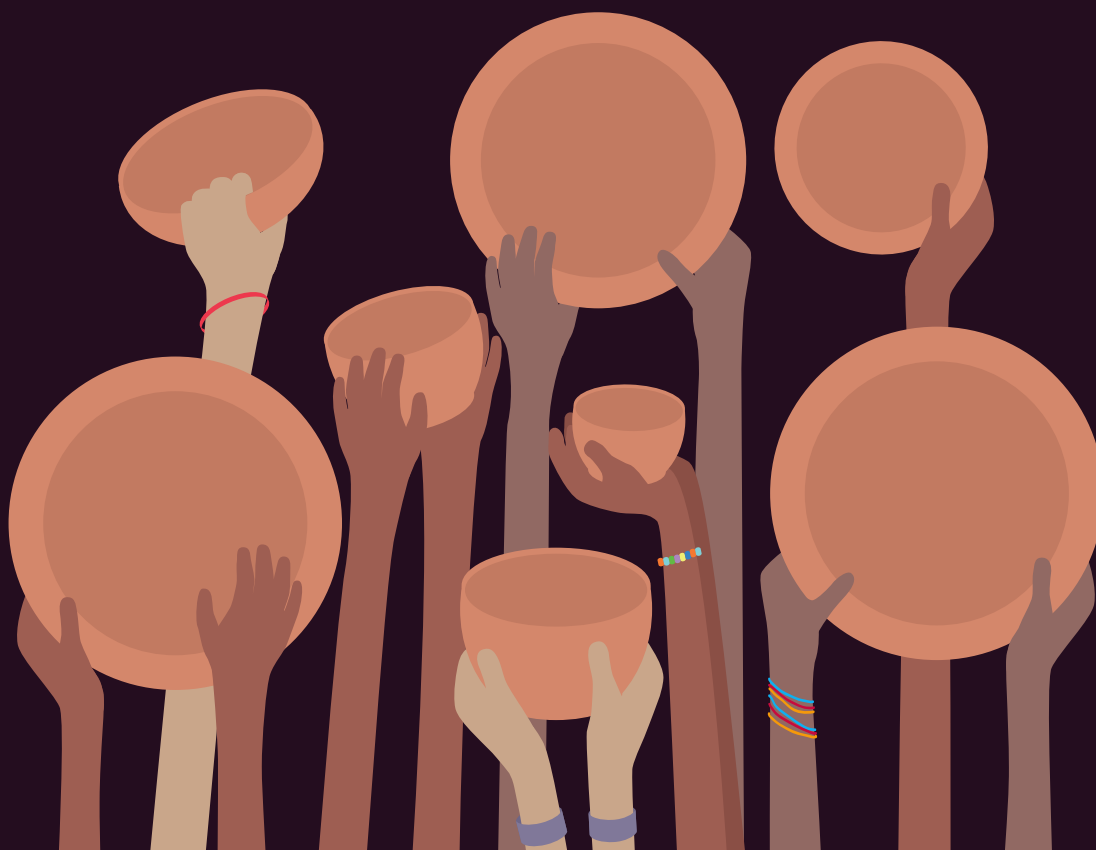
Na faixa etária entre 5 e 17 anos, passou da metade (50,7%) o total destes jovens vivendo sob algum tipo de insegurança alimentar. Na faixa etária entre 18 e 49 anos, este percentual foi de 41,2%, enquanto no grupo de 50 a 64 anos este percentual caiu para 34,6%.

A menor proporção de pessoas vivendo sob algum tipo de insegurança alimentar estava na faixa etária acima de 65 anos – 21,3%. Ao todo, cerca de 2,7% dos idosos com mais de 65 anos tiveram insegurança alimentar grave no período da pesquisa, ou seja, passaram fome entre 2017 e 2018.

[...]

Ao analisar a situação alimentar dos domicílios por cor ou raça, constatou-se que apenas 36,9% dos lares com segurança alimentar eram chefiados por pessoa autodeclarada preta ou parda. Este percentual passava de 50% para os três níveis de insegurança alimentar – 50,7% para insegurança alimentar leve, 56,6% para insegurança alimentar moderada e 58,1% para insegurança alimentar grave.

SILVEIRA, Daniel. Fome no Brasil: em 5 anos, cresce em 3 milhões o nº de pessoas em situação de insegurança alimentar grave, diz IBGE. **G1**, 17 set. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/09/17/fome-no-brasil-em-5-anos-cresce-em-3-milhoes-o-no-de-pessoas-em-situacao-de-inseguranca-alimentar-grave-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 4 fev. 2021.



> Perdas e desperdício de alimentos

A produção e o consumo sustentáveis de alimento não são apenas uma moda passageira, mas duas áreas que demandam a aplicação do conhecimento científico para ampliar a oferta de alimentos com menor impacto ambiental. Em um mundo que enfrenta mudanças climáticas e escassez de recursos naturais, e ainda convive com o flagelo da insegurança alimentar, a redução das perdas e do desperdício de alimento deve ser uma prioridade global.

A produção de alimentos no mundo, em relação ao período de 2005 a 2007, precisa aumentar 60% até 2050 para suprir a crescente demanda [...] A necessidade de maior produção gera maior pressão sobre recursos naturais [...] e deixa ainda mais nítido um problema social com elevado impacto ambiental: as perdas pós-colheita e o desperdício no final da cadeia de suprimentos.

[...] As perdas e desperdício de alimentos são um entrave para “acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável”, segundo dos dezessete objetivos da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. [...]

O mundo descarta, aproximadamente, um terço do alimento produzido globalmente, o equivalente a 1,3 bilhão de toneladas anuais. [...]

A FAO estima que 28% dos alimentos que chegam ao final da cadeia em países latino-americanos são desperdiçados. Enquanto o Brasil, por exemplo, descarta mais do que o necessário para neutralizar a insegurança alimentar no País, apenas um quarto do desperdício agregado dos EUA e Europa é suficiente para alimentar as 800 milhões de pessoas que ainda passam fome no mundo.

[...]

As perdas no início da cadeia de alimento são mais comuns em países subdesenvolvidos, que lidam com baixo aporte tecnológico no manejo das lavouras, carência de estrutura para estocagem da produção e infraestrutura inadequada para escoamento das safras. Já em países de média e alta renda, a maior contribuição para o desperdício parte do consumidor. Porém, mesmo no contexto da classe média baixa, o desperdício pode ocorrer por fatores culturais, como o gosto pela abundância à mesa, compras excessivas, armazenamento inadequado do alimento ou mesmo desinteresse pelo consumo das sobras.

[...]

A crescente exigência do consumidor por qualidade, e por consequência também do varejo, tem levado também ao descarte de alimentos, ainda na fazenda, por não suprir os padrões estéticos exigidos por algumas redes supermercadistas. As razões para o descarte de alimento apropriado para o consumo por motivos estéticos vão desde o peso e o tamanho até o formato e a coloração.

[...]

Desde 2013, quando o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) e a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) lançaram a iniciativa Save Food, diversos países têm iniciado campanhas de promoção do consumo sustentável de alimentos ou estabelecido suas próprias metas de redução das perdas

e desperdício de alimento. Mais recentemente, dentre os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estabelecidos pelas Nações Unidas em 2015, destaca-se “Reduzir pela metade, até 2030, o desperdício de alimentos *per capita* mundial, nos níveis de varejo e do consumidor, e reduzir as perdas de alimentos nas outras etapas da cadeia agroalimentar”.

[...]

O Brasil, embora ainda enfrente perdas elevadas na fase pós-colheita, também apresenta elevado desperdício no final da cadeia. As evidências mostram o Brasil como um país que alia características de países em desenvolvimento, no que diz respeito às perdas dentro das propriedades rurais e no escoamento da produção, com hábitos de consumo de países ricos, caracterizados pelo elevado descarte de alimentos no final da cadeia.

[...] Para o setor agrícola já não basta o enfoque no incremento de produtividade, mas buscar otimização por meio de um cenário muito mais complexo de produção, desenvolvimento rural, meio ambiente e justiça social, no qual as consequências do consumo de alimentos são levadas em conta. Com as práticas atuais desperdiçando até 50% do alimento produzido, é preciso agir para promover formas sustentáveis de reduzir o desperdício da fazenda para o supermercado e para o consumidor.

No Brasil e no mundo, é muito grande o desperdício de alimentos íntegros que, ao em vez de serem descartados, poderiam servir de refeição para quem precisa.

Perdas e desperdício de alimentos. **Embrapa**. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/tema-perdas-e-desperdicio-de-alimentos/sobre-o-tema>>. Acesso em: 4 fev. 2021.





Mercados cheios, estômagos vazios

CONHEÇA A
OPINIÃO DE
QUEM ESTUDA
O ASSUNTO.

Como um dos maiores produtores do mundo faz o caminho de volta ao mapa dos famintos

O ano de 2020 foi um ano de revelações. Diante da crise sanitária com a pandemia do novo coronavírus, acompanhamos o desvelamento da fragilidade do Estado brasileiro em garantir o mínimo para a sobrevivência da população. No ano da catástrofe sanitária que matou, até o final de fevereiro de 2021, mais de 254 mil brasileiros, uma pesquisa constatou que mais de 10 milhões de pessoas passam fome no Brasil – situação agravada durante a pandemia, mas que, mesmo antes, vinha crescendo de forma regular no país pelo menos desde 2015.

Em 2014, pela primeira vez o Brasil deixou o Mapa da Fome da Organização das Nações Unidas (ONU) – publicação que classifica e atualiza a situação de acesso aos alimentos das populações de diversos países. No mapa, são considerados críticos países nos quais 5% ou mais da população não têm acesso adequado à comida.

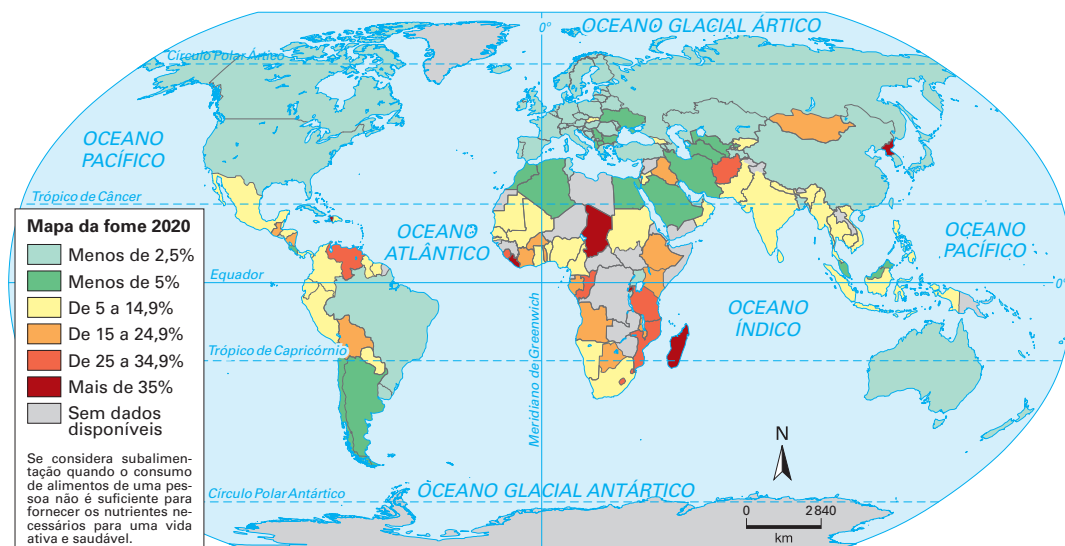
A permanência (e melhora) dessa realidade dependia de investimentos e articulações intersetoriais constantes em áreas estratégicas, bem como do aprimoramento de políticas públicas para o fortalecimento da soberania alimentar. Infelizmente, seguimos o caminho contrário: a prevalência nacional de segurança alimentar caiu para 63,3% em 2017–2018, alcançando seu patamar mais baixo, segundo a última Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF 2017–2018) do IBGE, publicada em setembro de 2020. Estamos, novamente, em um momento grave.

Daniel Balaban, diretor do Centro de Excelência contra a Fome e representante do Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas (PMA) no Brasil, disse em entrevista que o país não apareceu no último Mapa da Fome porque não foram usados os dados mais recentes. Afirmou ainda que estamos em um momento delicado, pois há aumento no número de pessoas em vulnerabilidade, bem como uma regressão das políticas sociais.

Confira o artigo com mais dados dos resultados obtidos pela Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017–2018 do IBGE.



<http://ftd.li/wdyjjz>



Fonte: Hunger Map 2020. **World Food Programme.** Disponível em: <<https://docs.wfp.org/api/documents/WFP-0000118395/download/>>. Acesso em: 10 fev. 2021.



Alimentação é direito universal

Alimentação adequada é um direito humano consagrado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), de 1948. No Brasil, com muito atraso, somente em 2010, após sucessivas mobilizações sociais, a alimentação passa a ser direito constitucional. De acordo com a DUDH, esse direito consiste no acesso físico e econômico de todas as pessoas aos alimentos e aos recursos, como emprego ou terra, para garantir esse acesso de modo contínuo. Inclui, ainda, a água e as diversas formas de acesso à água. De acordo com a Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN – Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006), o alimento deve existir “em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis”.

Apesar de apenas as pessoas na categoria insegurança alimentar grave entrarem nas estatísticas da POF/IBGE como “fome”, em todas as categorias as pessoas estão altamente suscetíveis à desnutrição – o que compromete a saúde e desenvolvimento delas, podendo, inclusive, levar ao óbito.

Nem sempre as sequelas causadas pela privação de nutrientes dão sinais de carência. É crescente o fenômeno da **fome oculta**, no qual a dieta, apesar de apresentar quantidade suficiente de calorias, é insuficiente para prover a quantidade adequada de um ou mais nutrientes. Esse fenômeno tem sido mais comum com o aumento na comercialização e no consumo de alimentos ultraprocessados, o que, não raro, pode resultar em desnutrição e obesidade – condições aparentemente opostas, mas que são consequências de uma mesma cadeia que não prioriza a saúde humana.

Uma nação que não prioriza encher as próprias panelas

O Brasil é um dos maiores produtores mundiais de alimentos. Estimativas indicam que o país produz comida suficiente para alimentar até 1,6 bilhão de pessoas, ou seja, quantidade mais que suficiente para alimentar os 209 milhões de brasileiros.

Confira o estudo completo da Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA), um questionário utilizado para medir a gravidade da privação de alimentos, realizado em 2014.



<https://ftd.li/i37ect>

Confira as partes 1 e 2 do documentário **Fome oculta**, produzido pela Agência Pública.



<http://ftd.li/oynve3>



<http://ftd.li/a5qarh>

Ouçá o episódio 12 do podcast Dando Ênfasis: "O Brasil no mapa da fome".



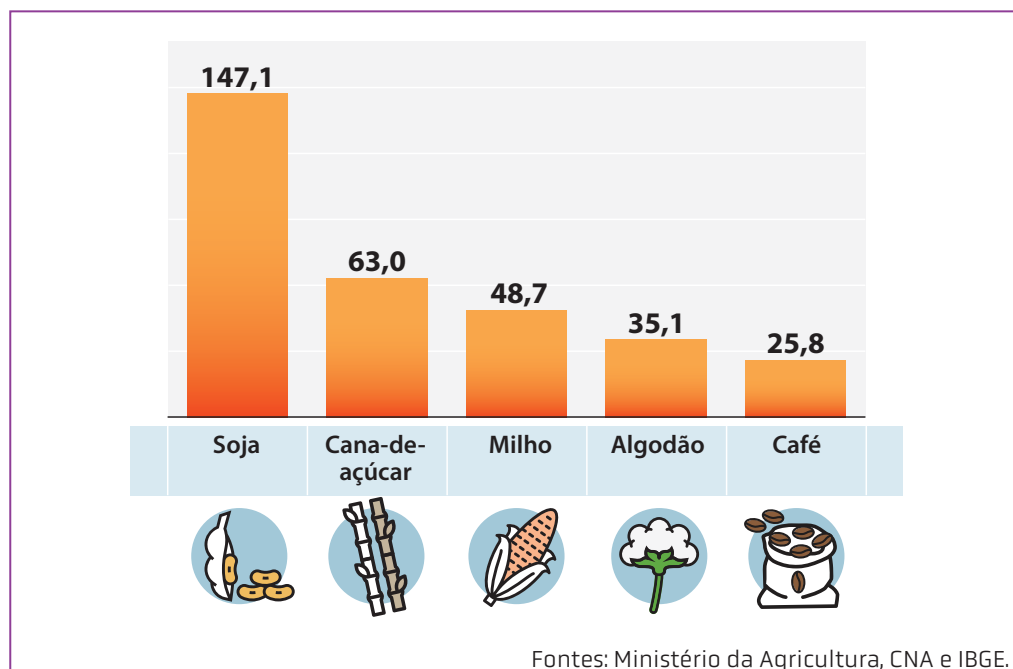
<https://ftd.li/arnhzi>

Então, por que há fome no país? A produção agropecuária brasileira corresponde a 21,1% do Produto Interno Bruto (PIB). Nosso agronegócio é gerido por transnacionais e voltado para exportação de matéria-prima de monocultura latifundiária, com exploração intensiva do solo e sofisticação tecnológica. Portanto, depende de uma ampla gama de insumos, desde maquinário e combustível até pesticidas e sementes. O grosso da colheita do agronegócio é soja, milho, cana-de-açúcar, algodão e café. O que não tem espaço no mercado externo é usado para a fabricação de biocombustíveis e ração bovina, e o restante, para nossa alimentação.

Desses produtos, os que compõem nossa dieta regular são o óleo, proveniente do beneficiamento da soja, o açúcar refinado, o café e as farinhas de milho. Outra parte importante nos é ofertada nas prateleiras dos supermercados como matéria-prima dos alimentos ultraprocessados.

O agronegócio produz, e produz muito. Apesar disso, não é o agronegócio que garante o arroz com feijão do dia a dia para a população.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS NO BRASIL – 2019/20 (EM BILHÕES)



Fonte: TOOGE, Rikardy. Veja perspectivas para os principais produtos agrícolas na safra 2019/20. **G1**, 1 jul. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2019/07/01/veja-perspectivas-para-os-principais-produtos-agricolas-na-safra-201920.ghtml>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

Se o campo não planta, a cidade não janta

Palavra de ordem do movimento social Via Campesina.

A **agricultura familiar** já chegou a produzir 80% do total do feijão brasileiro, além de parte significativa das frutas, suínos e laticínios. São as mãos das mulheres e homens do campo que seguem vivendo do que a terra dá, em pequenas propriedades, assentamentos e arrendamentos, que garantem o colorido indispensável para a saúde no prato. Apesar de sua relevância para a segurança alimentar, tem sido difícil para a população rural se manter no campo. Ela costuma ser pobre e viver apenas do que planta em áreas precárias. Não tem, portanto, condições de competir com o agronegócio e depende de programas, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), e de outros incentivos para manter sua produção. A agricultura familiar vem sendo desmontada e, contraditoriamente, a família rural é a que mais passa fome no Brasil.

A desigualdade global no acesso aos alimentos

A má distribuição dos alimentos decorre deles serem tratados apenas como produtos rentáveis no mercado internacional, não importando se serão acessíveis às pessoas. Qual alimento chega, aonde chega e a que preço são consequência de uma cadeia comercial complexa, regida pelos interesses do mercado financeiro internacional, o que culmina na violação da segurança alimentar de populações social e economicamente vulneráveis no mundo todo. Não há um só continente livre da fome; até os Estados Unidos da América, maior exportador de alimentos do mundo, convive com a fome. Como disse o brasileiro Josué de Castro, em sua obra **Geografia da fome**, “A fome não é um fenômeno natural, é um fenômeno social produto de estruturas econômicas defeituosas”.

Sendo um reflexo direto da desigualdade social, a fome atinge sempre as camadas mais vulneráveis: pessoas pobres, em sua maioria negras, mulheres, trabalhadoras do campo ou moradoras das periferias urbanas.

Prato do dia: soberania alimentar

Historicamente, o combate à fome está íntima e diretamente ligado à erradicação da pobreza e à distribuição de renda. Nesse contexto, a pressão por um salário-mínimo do trabalhador adequado relaciona-se ao esforço de possibilitar acesso mais amplo da população à alimentação de qualidade. A saída do Brasil do Mapa da Fome da ONU em 2014 foi resultado da implementação e consolidação de políticas públicas em todos os ministérios de forma articulada, além da criação de ministérios e outros dispositivos próprios para o enfrentamento da fome no Brasil. O centro dessas ações era produzir e distribuir os alimentos de forma justa, em detrimento do interesse econômico, com enfoque na soberania alimentar.

A **soberania alimentar** é um conceito teórico e prático cunhado pela sociedade civil na contramão do atual modelo de produção, que trata o alimento como mercadoria. Para garantir comida na mesa, o valor do alimento é antes de tudo social: todos têm que comer. E mais: todos devem ter acesso a alimentos de qualidade, livre de substâncias nocivas e de exploração dos trabalhadores e trabalhadoras, em quantidades suficientes, de forma variada, agradando nossas preferências e necessidades, com respeito à cultura.

Por fim, a superação da fome exige mudança na cadeia de produção de alimentos, com enfrentamento aos conglomerados que a coordenam. Por isso, são necessárias ações nos âmbitos internacional, nacional e regional, além de organização de comunidades e ações individuais.



◀ **Beatriz Fagnam Mei** é nutricionista formada pela Universidade de São Paulo (USP). Na graduação, participou da Executiva Nacional dos Estudantes de Nutrição (Enen). Atua há três anos na Estratégia Saúde da Família (ESF) no Sistema Único de Saúde (SUS), atualmente na Brasilândia em São Paulo (SP), e estuda Transtornos Alimentares pelo Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas (IPQ-HC/USP).

Fome no Brasil

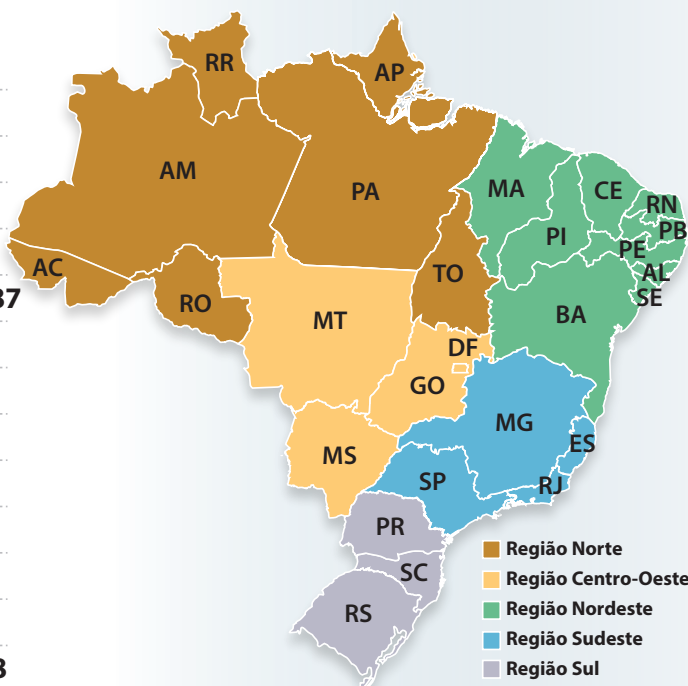
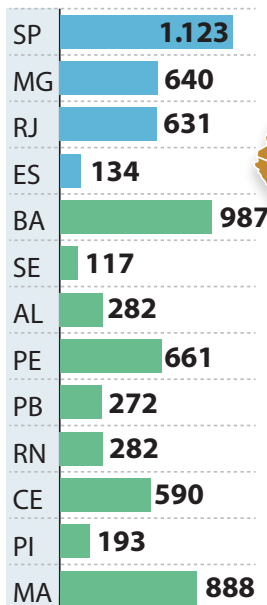
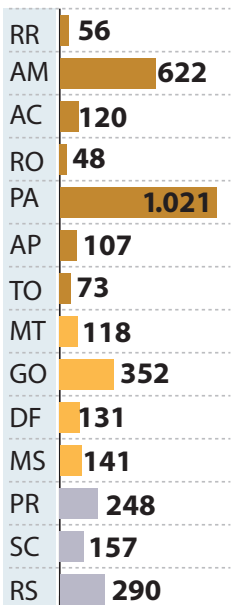
Número de pessoas em situação de fome no Brasil

10,3
milhões
Total

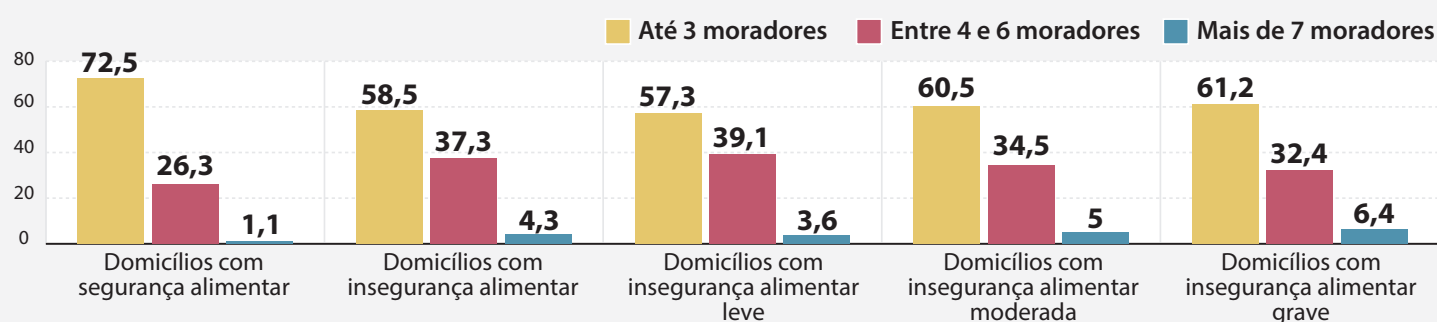
7,7
milhões
Área urbana

2,6
milhões
Área rural

Valores em milhares
Divisão por Estado



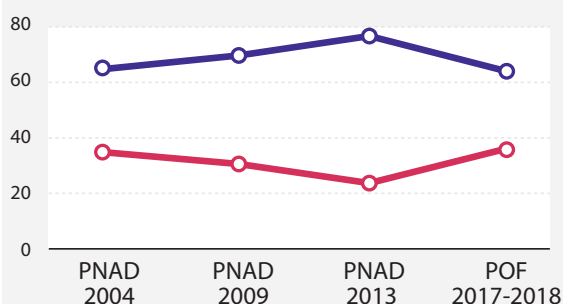
Situação alimentar por número de moradores no domicílio (%)



Situação de segurança alimentar

Série histórica, em %

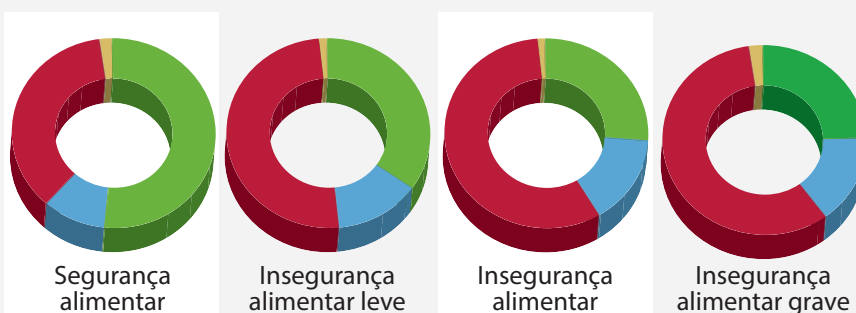
- Segurança alimentar
- Insegurança alimentar



Segurança alimentar nos domicílios

Segundo cor ou raça, em %

- Branços
- Pretos
- Pardos
- Amarelos e Indígenas



Fonte: IBGE. Pesquisa de orçamentos familiares (POF) 2017-2018. Disponível em:

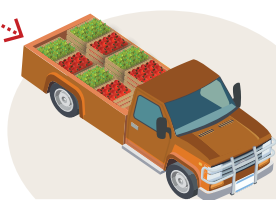
<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/>

2012-agencia-de-noticias/noticias/28903-10-3-milhoes-de-pessoas-moram-em-domicilios-com-inseguranca-alimentar-grave. Acesso em: 1 mar. 2021.

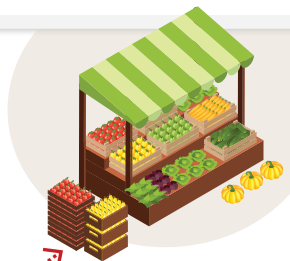
O caminho do desperdício no Brasil



10%
de todo o desperdício
ocorre ainda na colheita



50%
ocorre no manuseio
e transporte



30%
ocorre nas centrais
de abastecimento

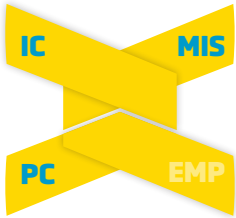
10%
são diluídos entre
supermercados
e consumidores



Fonte: AKATU. Alimentos produzidos e não consumidos: ONU lança guia visual sobre o desperdício. Disponível em:

<https://www.akatu.org.br/noticia/alimentos-produzidos-e-nao-consumidos-onu-lanca-guia-visual-sobre-o-desperdicio/>. Acesso em: 1 mar. 2021.

Fonte: SILVEIRA, Daniel. Fome no Brasil: em 5 anos, cresce em 3 milhões o nº de pessoas em situação de insegurança alimentar grave, diz IBGE. **G1**, 17 set. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/09/17/fome-no-brasil-em-5-anos-cresce-em-3-milhoes-o-no-de-pessoas-em-situacao-de-inseguranca-alimentar-grave-diz-ibge.ghtml>>; 10,3 milhões de pessoas moram em domicílios com insegurança alimentar grave. **Agência IBGE Notícias**, 17 set. 2020. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28903-10-3-milhoes-de-pessoas-moram-em-domicilios-com-inseguranca-alimentar-grave>>; Alimentos produzidos e não consumidos: ONU lança guia visual sobre o desperdício. **Akatu**, 10 set. 2015. Disponível em: <<https://www.akatu.org.br/noticia/alimentos-produzidos-e-nao-consumidos-onu-lanca-guia-visual-sobre-o-desperdicio/>>. Acessos em: 10 fev. 2021.



> **Investigação científica**

> **Processos criativos**

> **Mediação e intervenção sociocultural**

TRABALHANDO A DISTÂNCIA

A atividade foi pensada para ser feita fora da sala de aula, se a escola estiver fechada por precaução quanto à covid-19. Podem ser usados dispositivos tecnológicos para as discussões em grupo, planilhas e editores de texto compartilhados, aplicativos de mensagens de texto, redes sociais, entre outros recursos.

ORIENTAÇÕES DE USO

1. Como vimos, para dar conta do problema da fome são necessárias inúmeras ações articuladas entre vários setores. Escolha uma das ações/políticas mencionadas ao longo do material e discorra sobre seu papel para o alcance da soberania alimentar.
2. Durante a pandemia do novo coronavírus, o encarecimento dos gêneros alimentícios dificultou o acesso à comida, agudizando a situação de insegurança alimentar no Brasil. No vídeo **Por que sua vida depende do dólar?**, o biólogo e divulgador científico Átila Iamarino conversa com uma economista sobre as consequências da crise econômica no preço dos alimentos. Após assistir à conversa, liste os itens que você consumiu na sua última refeição e pesquise a variação do preço de pelo menos um deles no último ano. Tente analisar, discorrendo sobre os possíveis motivos nessa mudança de preço. Caso não haja mudança, procure entender por qual motivo não houve alteração de preço dos alimentos listados.



<http://ftd.li/yxmhbt>



Na BNCC:

- EMIFCG01
- EMIFCG02
- EMIFCG05
- EMIFCG07
- EMIFCG09
- EMIFCG10
- EMIFCNT01
- EMIFCNT02
- EMIFCNT07

Conteúdos abordados:

- Estado da segurança alimentar no Brasil
- Desperdício de alimentos
- Alguns fatores que influenciam a segurança alimentar e a produção de alimentos no Brasil
- Mapa da Fome



1. Escolher entre as ações/estratégias indicadas ao longo do material. Para além das políticas implementadas, destacam-se estratégias que podem ser abordadas por sua relevância no tema: agroecologia, sistemas camponeses de produção, banco de alimentos.

A turma pode se dividir em pequenos grupos, cada um sendo responsável por se aprofundar em uma delas, a fim de obter um painel expositivo completo das principais ações para a superação da fome.

2. O vídeo traz como exemplo o preço do arroz, que é explicado minuciosamente, porém outros alimentos, como a soja, também sofreram aumento durante a pandemia. Sugestão: para compreender o preço, comece por entender a cadeia produtiva daquele item, geralmente algum passo na cadeia produtiva e comercial é responsável por essa alteração. Preste bastante atenção na fala da economista, pois ela sugere caminhos interessantes para chegar a essa resposta.

Ciências da Natureza e suas Tecnologias

Neste ciclo 2021, **Articulação Itinerários (CNT)** aborda temas relacionados à Ciência e ao Meio Ambiente, com ênfase no conhecimento científico a favor da humanidade, em que se pretende apresentar a ciência como estratégia para o desenvolvimento social, econômico e/ou sustentável, sempre com foco no bem-estar da sociedade e das gerações futuras.

ARTI CULA ÇÃO

ITINERÁRIOS

NATUREZA

MARÇO | 2021 EDIÇÃO Nº 3



Diretor-geral

Ricardo Tavares de Oliveira

Diretor adjunto de Sistema de Ensino

Cayube Galas

Gerente de conteúdo

Júlio Ibrahim

Gerente de produção e design

Letícia Mendes de Souza

Editora

Amanda Bonuccelli Voivodic

Editores assistentes

Ligia Cosmo Cantarelli

Luiza Grecco e Marques

Colaboradores

Alexandre Albuquerque da Silva

Eliana Garcia Feresin

Fernanda de Lima Bernardes

Coordenador de eficiência e analytics

Marcelo Henrique Ferreira Fontes

Supervisora de preparação e revisão

Adriana Soares de Souza

Assistente editorial

Renata Slovac Savero

Preparação e revisão

Equipe FTD

Coordenadora de imagem e texto

Marcia Berne

Pesquisa de Iconografia

Equipe FTD

Coordenadora de criação

Daniela Máximo

Supervisor de produção e arte

Fabiano dos Santos Mariano

Projeto gráfico

Bruno Atilli

Editora de arte

Adriana Maria Nery de Souza

Créditos das imagens:

p.1. Alexandre Tokitaka/Pulsar Imagens; p.2. Mor; p.3. Pixsooz/Shutterstock.com;
p.5. Gerson Gerloff/Pulsar Imagens; p.6. Allmaps; p.7. Lucky Business/Shutterstock.com; p.8. Alex Silva;
p.9. Arquivo Pessoal; p.10. Alex Silva; p.11. Alan SK/Shutterstock.com